



Eixo Temático: 5 - Cidadania, cultura e currículo

ERVAS MEDICINAIS E A CULTURA KAINGANG: UM ESTUDO SOBRE A PRESENÇA DA TEMÁTICA NO CURRÍCULO REAL DA ESCOLA

Adailton Fojin Freitas¹

Liria Ângela Andrioli²

Introdução

O presente trabalho visa aprofundar a prática social e cultural indígena, a coleta, o uso das ervas medicinais e como estas questões são tratadas no currículo real, nos planos de ensino dos professores, para estimular o conhecimento que os alunos têm sobre o tema. A pesquisa se delimita no Colégio Estadual Rural Indígena Rio das Cobras, localizado no município de Nova Laranjeiras/PR, na Terra Indígena Rio das Cobras.

Acredita-se que os indígenas Kaingang/Kanhgág³ têm suas próprias formas de coleta de ervas medicinais e, assim, se diferenciam dos indígenas de diferentes etnias que fazem parte do mesmo tronco Jê, contrariando, desse modo, o estereótipo de que “todos os indígenas são iguais”. O estudo tem como propósito aprofundar a problemática anunciada, tendo como público alvo os próprios jovens da aldeia sede da Terra Indígena Rio Das Cobras.

A temática está interligada com a realidade e se mostrou uma pesquisa relevante, já que a prática de coleta e o uso das ervas medicinais é um elemento importante na formação de identidade cultural Kanhgág. O método utilizado foi de pesquisa qualitativa, com viés etnográfico e realização de entrevistas semiestruturadas.

Resultados e discussão

O contexto histórico do surgimento da Terra Indígena Rio das Cobras, tem a ver com a delimitação de terras, estabelecidas por meio de um Decreto governamental nos anos de 1901.

¹ Acadêmico do curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas da UFFS Campus Laranjeiras do Sul/PR. Email: fojin07@outlook.com

² Doutora em Educação nas Ciências pela Unijuí. Professora da UFFS Campus Laranjeiras do Sul/PR. Email: liria.andrioli@uffs.edu.br

³ Utilizaremos o termo Kanhgág para nos referir à cultura Kaingang.



De acordo com Novak (2014):

Em 31 de julho de 1901, através do Decreto n°. 6, o governador do Paraná, Francisco Xavier da Silva, estabeleceu uma reserva de terras aos índios Kaingang, num total de 500, chefiados pelo cacique Jembrê, nas cabeceiras do rio das Cobras, no município de Guarapuava. (p. 1758).

A partir do decreto supracitado, os indígenas Kanhgág da Terra Indígena Rio Das Cobras do Paraná, conseguiram uma terra fixa para sobreviver, porque antes os mesmos viviam como um povo nômade que residiam principalmente nas regiões Sudoeste e Sul do Brasil, habitando os Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Em 1951 se confirma a “reestruturação” da terra indígena e as decisões do acordo de 1949, onde a terra indígena de Rio Das Cobras foi diminuída de “[...] 3.870 (três mil oitocentos e setenta) hectares na região de Rio das Cobras [...]” (BRASIL, 1949, apud NOVAK, 2014), não levando em conta as especificidades que os indígenas Kanhgág apresentavam no seu território. Com o passar do tempo, a população indígena foi se multiplicando e as famílias foram aumentando gradativamente. Atualmente, de acordo com as lideranças indígenas locais (ENTREVISTADO 1⁴) existem mais de 4.000 indígenas e para os órgãos governamentais na Terra Indígena Rio das Cobras existem 3.250 indígenas. Esta constatação é de 2014, a partir do Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI) e Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI).

Nos aspectos culturais podemos destacar a área da Terra Indígena Rio das Cobras e suas especificidades. Uma delas. é a política interna para estabelecer a organização da comunidade e a política econômica para buscar autonomia na produção sustentável com a finalidade de fomentar a relação que os Kanhgág têm com a natureza, ou para entrar no mercado de trabalho nos setores públicos e assim ter a sua renda mensal, que é importante para o desenvolvimento da comunidade.

A primeira escola da Terra Indígena Rio das Cobras foi fundada no ano de 1975, com denominação só de Escola. Não havia um nome próprio. No decorrer dos anos, a escola passou por várias transformações e as conquistas e o devido reconhecimento perante toda aldeia foi aceita. A partir de 1976, houve o reconhecimento por parte das autoridades. Em 1977, houve

⁴Respeitando as questões éticas da pesquisa, utilizaremos alguns nomes fictícios.



expulsão dos “intrusos” não indígenas que residiam na terra indígena e essa revolução foi comandada pelo coronel Nestor da Silva. (PPP, 2013).

Após este acontecimento, em 1978, foi construído uma escola de alvenaria, com apoio da Legião Brasileira de Assistência (LBA), juntamente com o agrônomo Edivio Batistelli. Com o aumento da comunidade, a escola foi ficando pequena para a demanda das crianças, sendo que em 1994 a prefeitura municipal construiu um novo prédio. O novo estabelecimento estava sob a responsabilidade da Fundação Nacional do Índio - FUNAI e administradores do governo de Nova Laranjeiras/PR. A criação desta escola surgiu da necessidade de dar um melhor atendimento à comunidade escolar indígena, respeitando e preservando as suas culturas e características sócio econômicas. (PPP, 2013).

O nome Escola Indígena Coronel Nestor da Silva foi utilizado para denominar originalmente a instituição que era uma escola municipal de 1ª a 4ª séries, para homenagear um coronel que “ajudou” na expulsão dos colonos. Antes mesmo do início das atividades implantadas de 5ª a 8ª séries, o Conselho Estadual da Educação – CEED/PR fez exigências quanto às mudanças do nome da escola, porque a escola passou a ofertar educação infantil e o ensino fundamental. A partir disto, as lideranças da comunidade indígena na Sede se reuniram para eleger um novo nome. (PPP, 2013).

Em 2002, teve início o ensino fundamental estadual com abertura de uma turma de 5ª série e com implantação gradativa do restante das séries nos próximos anos, sendo utilizado o mesmo prédio municipal de escola de 1ª a 4ª séries.

Com a oferta de ensino fundamental, tiveram que mudar do nome da escola passando a se chamar Escola Estadual Rio das Cobras, após várias sugestões por conta da localidade da aldeia. Esta escola é mantida pelo Governo do Estado do Paraná. Em 2005, a escola recebeu a renovação, onde por se tratar de uma escola e sua localização em zona rural, sofreu alteração acrescentando o termo Rural, passando a se chamar Escola Rural Estadual Rio das Cobras. (PPP, 2013).

Em 2007, a escola foi reconhecida e autorizado o funcionamento do ensino médio, passando a se chamar Colégio Rural Estadual Rio das Cobras, e no ano de 2008 acrescentou o termo Indígena e passou a se chamar Colégio Rural Estadual Indígena Rio das Cobras – Ensino Fundamental e Médio. Em 2010, iniciou a oferta da modalidade Educação de Jovens e Adultos



- EJA, sendo assim acrescentado a EJA no final do nome que fica Colégio Rural Estadual Indígena Rio das Cobras – Ensino Fundamental, Médio e EJA. (PPP, 2013).

Percebe-se que durante muito tempo a escola não foi considerada como uma escola indígena, mesmo localizada no espaço geográfico de uma terra indígena. Cabe salientar ainda que a educação rural esteve presente na formação dos indígenas, onde a educação proposta era de formar sujeitos aptos para trabalhar com máquinas agrícolas para a produção de *commodities*. Assim, entende-se que a educação ofertada naquela época foi e ainda é de interesse da classe burguesa. Em relação à educação escolar indígena, a realidade, as tradições e a língua não eram levadas para a escola indígena. Atualmente, entendemos que é preciso aprofundar e levar a importância da educação do campo dentro das escolas indígenas, tendo em vista as especificidades de cada povo.

Vale ressaltar ainda que durante milhares de anos os seres humanos desenvolveram uma forma de relação com a natureza, para a sua subsistência ou buscando um meio para o crescimento econômico. É nesses diversos lugares que se constrói a identidade, a relação social, a cultura e o saber popular acerca das ervas medicinais. Nasce com essa relação dos indígenas Kanhgág com o lugar onde vivem, e esse elo entre indivíduos constituem entre os Kanhgág e os Kujás (indígenas mais velhos) o conhecimento sobre as ervas e é repassado de geração para geração.

É importante salientar que os indígenas Kanhgág formaram seus saberes por meio dessa relação com o lugar onde vivem. Assim o conhecimento dos indígenas Kanhgág com relação às plantas medicinais, vem para reforçar o tratamento das doenças. Assim, poderíamos evidenciar a sua importância dentro das escolas, para mostrar a diversidade cultural presente no cenário nacional, cada um com as suas especificidades.

O uso e a coleta de ervas medicinais é um conhecimento praticado desde os primórdios da humanidade, o conceito de uso e coleta está presente no tratamento fitoterápico.

A Fitoterapia do grego “therapeia” tratamento e medicamentosas existentes entre os fitoterápicos e outros “phyton”: vegetal, é o estudo das plantas medicinais e produtos e suas aplicações na cura das doenças, em suas diferentes formas de apresentação farmacêutica, na qual sua abordagem incentiva o desenvolvimento comunitário, a solidariedade e a participação social na prevenção de agravos e na promoção a saúde, como uma escolha mais natural e menos lesiva à saúde, especialmente se comparada aos malefícios decorrentes do uso em e práticas populares, especificamente o incentivo à excesso e/ou errôneo de medicamentos (BRASIL, 2006, s./p.).



Durante a pesquisa conversamos e coletamos as informações com uma senhora de 100 anos nascida e criada e ainda moradora da comunidade Sede no Rio das Cobras. Esta por sua vez, mostrou-se uma conhecedora das ervas medicinais e da sua terra. Questionamos sobre esse conhecimento que ainda é praticado na sua família e também perguntamos como ela faz para preservar esse conhecimento. De acordo com a Entrevistada 4:

Quando eu olho para nossa terra vejo muitas coisas para serem aproveitadas, esta terra que a décadas cultivamos e colhemos para sobreviver, o mesmo nos mostra ainda hoje a sua qualidade. Podemos ter mudado nosso modo de viver, mas ainda têm algumas que se mantêm, como as marcas tribais (kame) marca redondo (kanhru), as comidas típicas dos Kaingang e a coleta de ervas medicinais. Esse conhecimento é o que nos diferencia dos (Fóg) não-indígena e deve ser passada e mostrada aos nossos filhos, e se a gente um dia perder esse conhecimento, a nossa (Jykre) cultura sumirá.

Tendo esta visão de manter a cultura, e embasada na fala carismática e preocupada da entrevistada acima, entende-se que o desafio das escolas indígenas está em buscar mais informações com os indígenas mais velhos, os (Kujás) curandeiros e professores indígenas bilíngües que vivem e trabalham na comunidade Sede da Terra Indígena Rio das Cobras. Buscar mais diálogo e informações significa incorporá-los no cotidiano de vida da escola e no currículo.

Desse modo, tem-se a impressão que a educação escolar indígena deveria dar atenção ao conhecimento dos indígenas Kanhgág pois o uso e a coleta de ervas estão muito presentes na vida dos indígenas. Essa afirmação corrobora com a Entrevistada 2: “quando minhas crianças ficam doentes eu utilizo a erva para fazer chá e na maioria das vezes a gente cozinha e come, mas quando as crianças estão muito piores levamos ao postinho de saúde para o doutor examinar”.

Assim, podemos destacar que o conhecimento que os indígenas Kanhgág têm sobre as ervas medicinais é ancestral e que o conhecimento científico tem por objetivo auxiliar nas pesquisas e observações nos componentes químicos letais ou no que as plantas apresentam, porque os próprios indígenas já entendem o uso correto das ervas medicinais. Assim, a educação escolar indígena deveria embarcar nessa luta no sentido de reproduzir esse conhecimento dos indígenas dentro das escolas com a participação das comunidades e os Kujás.

Entende-se, nessa perspectiva, que os indígenas que herdaram esse conhecimento dos seus antepassados, buscam compartilhar uns com os outros, entendendo a importância das ervas medicinais e procuram não deixar de lado a medicina aprendida no mundo acadêmico. Os



indígenas relacionam, desse modo, o conhecimento Kanhgág e o científico. Destacamos aqui o entendimento que a moradora, mãe e professora na escola indígena traz acerca da importância que a cultura e a educação têm para a comunidade:

Sabemos sobreviver dessa forma, a coleta e o uso de venhkagta (remédio do mato) sempre fez parte da nossa cultura e deveria ser repassado dentro das escolas, se não como os jovens vão poder entrar no mato e cuidar um do outro, do seu companheiro, mas não vamos deixar de lado os doutores né, estes já estão muito presentes na nossa comunidade (ENTREVISTADA 2).

Urge, neste caso, aprofundar a temática no meio educacional, aproximando os sujeitos do saber popular e fortalecendo laços culturais.

Considerações finais

A temática das ervas medicinais continua atual e pertinente. A força da sabedoria imbricada nelas é imensurável. O desafio está em valorizar cotidianamente esse saber ancestral curativo pela fitoterapia e manter viva a luz da sua força, seja no ambiente educacional ou na sociedade como um todo.

A escola, de modo peculiar, por sua característica de ser um espaço de múltiplas aprendizagens e saberes vem a ser um espaço fundamental para a continuidade desse conhecimento milenar. Trabalhar o tema das ervas medicinais de forma mais aprofundada no currículo real da escola possibilita manter viva culturas, identidades e o conhecimento.

Com isso, é possível evidenciar que o desafio está em ter metodologias voltadas à realidade local, às formas de cultivo e à coleta das ervas medicinais. Nesse viés aprofundaríamos a perspectiva do cuidado com a vida e com a terra.

Há necessidade de a escola dialogar de forma mais emancipadora com a vida das pessoas. Da forma como está estruturada, reflete uma contradição, já que a instituição se empodera como um colégio indígena, atende alunos indígenas do campo, está no campo e é indígena, entretanto, os valores da cultura indígena quase não aparecem nos espaços escolares. Eventualmente, as temáticas indígenas são tratadas por ocasião do Dia do Índio.

Para que seja de fato uma educação escolar indígena é preciso levar em conta a importância da cultura local, onde a relação com a natureza dos indígenas Kanhgág prevalece, as suas histórias e o conhecimento adquirido ao longo dos tempos. Os educandos são sujeitos



históricos, em constante transformação. Os mesmos necessitam rever atitudes, culturas e, ao mesmo tempo, incorporar esses saberes populares para que não se percam.

Essa pesquisa, contudo, abre perspectivas de reflexão e também propõe mudanças nos modos de ser e de agir da população indígena. Longe de estar acabada, concluímos esse trabalho com alguns questionamentos vindouros: porque as ervas medicinais Kanhgág têm pouco espaço dentro da escola indígena em uma terra indígena, com maior número de Kanhgág? Como modificar essa realidade imposta pelo currículo formal? Qual a força de um projeto na escola que se propõe a trabalhar a temática das ervas medicinais?

Referências

BRASIL. A Fitoterapia no SUS e o Programa de Pesquisas da Central de Medicamentos da Saúde. 2006. Disponível em:

[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/fitoterapia_noação fraca em relação ao estrógeno, não tendo ação _sus.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/fitoterapia_noação%20fraca%20em%20relação%20ao%20estrógeno,%20não%20tendo%20ação%20_sus.pdf). Acesso em 30/11/2019.

NOVAK Éder da Silva. Territórios e grupos indígenas no Paraná: a expropriação de terras através do acordo de 1949. In: **ANAIS do XIV Encontro Regional de História.**

Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão, 2014. Disponível em:

https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=2ahUKEwjw4YHUjpfmAhXlErkGHfaRBT0QFjABegQIARAC&url=http%3A%2F%2Fwww.erh2014.pr.anpuh.org%2Fanais%2F2014%2F386.pdf&usg=AOvVaw1dHaHn-T65RL4f31V_yvdr.

Acesso em: 02/12/2019.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA. Nova Laranjeiras, 2013.

Palavras-chave: Terra Indígena. Currículo. Cultura. Ervas medicinais.